

Conferência

TRANSFORMAÇÕES DO FENÔMENO SOCIOLINGÜÍSTICO DA GÍRIA¹

*Dino Preti**

Introdução

Quando se observa o fenômeno da gíria historicamente, ficamos surpreendidos em verificar que os linguistas, filólogos, lexicógrafos nunca deram importância maior ao estudo dessa vertente do vocabulário popular. Talvez o caráter efêmero do vocábulo gírio tenha contribuído para que houvesse certo desinteresse na análise desse recurso expressivo da língua falada.

A bibliografia gíria registra um número considerável de pesquisadores e curiosos que se dedicaram a recolher os vocábulos, alguns muito pacientemente, através dos tempos, para publicação de seus glossários especializados. E com isso lançaram alguma luz sobre grupos sociais fechados, restritos, cuja vida ficou documentada, na maneira como analisaram e julgaram o mundo por meio da gíria, marcando seu conflito com a sociedade. Assim, grupos comprometidos com as drogas, com a prostituição, com o homossexualismo, com o roubo, com o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões, com a vida de rua nas grandes cidades revelam, no seu vocabulário, que se renova incessantemente, uma dinâmica que espelha bem o ritmo de suas vidas, a

* PUC/SP – Projeto NURC/SP.

¹ Conferência na Univ. Fed. de Goiás, durante o Encontro de Estudos Lingüísticos e Literários.

necessidade de preservar sua segurança, por meio de um código criptológico que lhes permita identificar imediatamente seus inimigos. Por outro lado, a recolha, não raro realizada por jornalistas, em matérias apressadas e de interesse momentâneo, também contribuiu para o conhecimento de outros grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria social, pelo inusitado de seus costumes, como os grupos jovens ligados à música e à dança popular, às diversões da vida noturna, aos pontos de encontro nos *shoppings*, à vida universitária etc.

Esse trabalho de identificação do que chamamos *gíria de grupo* historicamente está mais ligado ao interesse de sociólogos, especialistas de História Oral ou de História Social da Linguagem (como, por exemplo, Peter Burke e Roy Porter), que encaram o fenômeno como uma das fontes para a análise dos grupos sociais e de sua história, do que à pesquisa dos lingüistas ou lexicógrafos. Estes esbarram no problema da efemeridade da gíria que restringe o interesse para suas publicações de dicionários especializados. Com isso, a gíria ingressa nos grandes dicionários ou nos mais populares (o *Aurélio*, por exemplo) como um rótulo, nem sempre apropriado das palavras (*gíria*, *linguagem popular*, *linguagem vulgar* etc.), restringindo-se quase sempre apenas ao momento em que os vocábulos gírios, perdendo sua condição de *signo de grupo*, dispersam-se no léxico popular. É o caso de palavras encontradas diariamente na conversação, na *mídia*, até na imprensa escrita, perdida a própria consciência de sua origem gíria: *legal*, *bárbaro*, *bronca*, *grana*, etc. Em outras épocas elas estiveram ligadas ao vocabulário de grupos restritos e, hoje, vulgarizaram-se, banalizaram-se na linguagem espontânea do dia a dia. Tornaram-se o que poderíamos chamar de *gíria comum*.

Mas o que dissemos não quer dizer que a gíria não tenha sido objeto do estudo teórico de alguns lingüistas deste século. Podemos citar, entre outros, Albert Dauzat, que escreveu duas obras importantes sobre o assunto, *L'argot de la guerre* (1919) e

Les argots (1956); Pierre Guiraud que produziu um estudo teórico muito didático: *L'argot* (1956); Alfredo Niceforo, que escreveu *Le génie de l'argot* (1912), uma obra clássica sobre o assunto, brilhante pela linguagem e pela intuição, embora profundamente marcada pelas doutrinas naturalistas do começo do século, em particular pelas teorias de Lombroso sobre o criminoso nato; Connie Eble, com vários trabalhos recentes, nos Estados Unidos sobre a gíria de universitários, em especial *Slang & Sociability* (1996); Denise François, com um capítulo fundamental sobre o tema na obra coletiva organizada por André Martinet, *Le Langage* (1968); Amílcar Ferreira de Castro, com seu ensaio sobre *A gíria dos estudantes de Coimbra* (1947); Antenor Nascentes, pesquisador brasileiro que, respeitadas as devidas idiossincrasias dos filólogos pelo tema, escreveu duas obras importantes, *O linguajar carioca* (1822) e *A gíria brasileira* (1953), este um dicionário muito bem documentado; etc.

Além deles, um grupo de curiosos pelo assunto também escreveu obras teóricas sobre gíria, como Mário E. Teruggi, geólogo erudito que estudou a gíria argentina em *Panorama del Lunfardo*; Ernesto Ferrero, crítico literário italiano, que produziu excelente trabalho sobre a gíria da Máfia, um dicionário muito bem documentado, precedido de valiosa introdução: *I Gerghi della Malavita* (1972); etc.

No Brasil, mais recentemente, começa a aparecer uma "lexicografia popular", um tanto afastada das regras mais ortodoxas dessa disciplina, mas nem por isso de menor importância para os estudiosos da gíria. Referimo-nos, por exemplo, aos trabalhos de J.B. Serra e Gurgel e seu *Dicionário de gíria*, obra extensa, demonstrando uma peregrinação constante às fontes populares, à mídia e outras fontes desse vocabulário. Ao lado dele, ainda no Brasil, teóricos como Mônica Rector (*A fala dos jovens*, 1994), Ana-Rosa Cabelo (*Gíria, vulgarização de um signo de grupo*, 1989) têm procurado investigar as relações entre gíria e grupos sociais.

Quase toda a bibliografia gíria importante abrange o estudo da *gíria de grupo*, isto é, a gíria considerada como parte integrante dos costumes sociais de um grupo social restrito. Trata-se de pesquisas que envolvem o conhecimento dos costumes do grupo, a especificação de seus membros, suas atividades sociais ou profissionais, sua faixa etária, grau de escolaridade e outras variantes sociolingüísticas.

Mas, hoje, o que se observa é um crescente uso da *gíria comum* – chamemos assim aos vocábulos gírios misturados à linguagem da conversação espontânea diária, onde perdem para o falante a sua condição de gíria e são assumidos como vocabulário comum, com presença no dialeto culto ou popular. E, frequentemente, na imprensa:

“Gil e Gugelmin não crêem em **urucubaca**.” (*O Estado de S.Paulo*, 10/7/97)

A expansão da gíria no Brasil contemporâneo

Para pesquisar-se o fenômeno da expansão do vocabulário gírio no Brasil de hoje, não se podem deixar de considerar as grandes e rápidas transformações que a sociedade brasileira vem atravessando neste final de século. Sabemos que a língua é uma instituição tradicional por excelência e alguns de seus campos, como a sintaxe, resistem a quase todos os modismos da fala espontânea. Mas o léxico constitui um reflexo constante dessas transformações. A dinâmica social se reflete no processo contínuo e natural dos neologismos, dos modismos lingüísticos, dos vocábulos que se tornam obsoletos e se arcaizam rapidamente.

De uma maneira geral, pode-se dizer que o mundo contemporâneo, em especial a América, muito mais aberta a um

processo contínuo de renovação, muito menos conservadora do que a Europa (onde, ainda hoje, pesa uma respeitável tradição literária e a força das academias de letras, com seus modelos, seus dicionários), tem demonstrado que a uniformização dos costumes que atinge todas as classes sociais, comandada pela *mídia*, manifesta-se também na língua. Nessa uniformização, o léxico popular tem papel preponderante e os modismos lingüísticos ganham a força de leis: devem-se conhecer as formas de falar atuais, para buscar-se uma interação melhor com o grupo ou com nosso interlocutor.

De certa forma, poderíamos afirmar que a mídia é a maior responsável por esse processo de uniformização cultural, no seu afã de colocar-nos sempre em contato com os fatos ocorridos no mundo, no próprio momento em que ocorrem, dando-nos a consciência de que não estamos, em momento algum, absolutamente sós ou isolados, pois temos a “companhia” de um receptor de TV, de um aparelho de rádio ou de um computador. Se se afirma metaforicamente – e com certa dose de razão – que o homem moderno, no mundo urbano, é, não raro, um ser isolado na multidão, deseja-se apenas aludir aos problemas psicológicos que envolvem esse homem, na multiplicidade de papéis que representa com os conseqüentes problemas advindos desse fato. Sem dúvida, é um ônus que ele paga à sociedade em que vive, pela participação maior na ciranda de acontecimentos, nas mudanças, na busca de sua definição como homem moderno. Mas, hoje, também, é inegável que o homem comum é mais informado, mais integrado no universo em que vive. E esse processo de globalização já é parte integrante de sua cultura.

Do ponto de vista que nos interessa, o lingüístico, o fato importante é que essa cultura de massa tornou necessária uma uniformização de produção que incidiu também sobre a linguagem. Novelas, noticiários, programas cômicos, legendas de filmes, divulgação científica, propaganda etc. devem atingir a um

receptor padrão, sempre que possível uniforme. Teoricamente não existe, por exemplo, uma novela para pessoas cultas e outra para telespectadores de baixa escolaridade. Tornou-se fundamental criar temas amplos, discursos acessíveis a todas as classes sociais, dentro de interesses mais imediatos, ligados à realidade recente, dentro de uma linguagem que todos entendem. Daí o processo de uniformização cultural e, por conseqüência, lingüístico. Recebemos todos, cultos e incultos, um lazer e uma informação iguais, em geral numa linguagem que não favorece a reflexão, nem instiga a dúvida, muito menos a incompreensão. Eis instaurada a *norma lingüística da mídia*, mistura de hábitos lingüísticos orais e escritos, atenta às transformações, à “moda lingüística”, à maneira mais expressiva de dizer as coisas no momento, se possível, utilizando a linguagem comum, de mais fácil compreensão.

A gíria é um dos recursos mais expressivos desse contexto social, principalmente para transmitir os sentimentos de rebeldia, insatisfação, agressividade, não raro, por meio de sua ironia e humor. E não é por casualidade que sua origem está ligada aos grupos marginais, aos grupos jovens ou até adolescentes, aos grupos estudantis, ou a todos os grupos desejosos de marcar sua oposição (quando não, sua hostilidade) em relação aos comportamentos sociais padronizados.

A gíria constitui um vocabulário (não uma língua, porque não tem sintaxe) em veloz e constante transformação, o que a identifica com nossa época, onde tudo se torna instável, os valores são facilmente mudados e nossa filosofia de vida se associa, cada vez mais, ao tempo presente. O futuro representa cada vez mais uma incerteza. A própria estabilidade do emprego já se afigura como uma casualidade. Por isso, nossas ações objetivam o aproveitamento do hoje ou, talvez, do agora. Essa instabilidade se abate mais intensamente sobre a vida dos pequenos grupos sociais que criam a sua maneira de ser, seu signo identificador de grupo e lutam para conservá-lo, porque ele representa – para

usarmos uma expressão de Goffman (1989), “sua maneira de representarem para os outros”. Signo importante que envolve sua postura moral, sua apresentação física (como o signo dos cabelos para o grupo *hippie*, na década de 60), seu vestuário, sua linguagem. O signo de grupo é um processo identificador de autoafirmação e a oposição ao processo avassalador de uniformização da sociedade moderna.

Com seus recursos expressivos, a gíria pode funcionar como mecanismo de compensação, de catarse social, de purgação para o homem, que nela encontra uma das formas de extravasar sua revolta e frustração em relação às injustiças sociais. E o faz por meio do humor, da ironia, da agressividade, da malícia de suas imagens, da sistemática oposição a tudo que remeta aos valores estabelecidos pela sociedade, aos tabus morais reverenciados pela tradição.

Por sua natureza contestatória, a gíria se identifica com o comportamento dos grupos mais agressivos, como o dos jovens, marcado pela insatisfação, pela busca de auto-afirmação. Talvez, por isso, os falantes de outras faixas etárias (e até idosos) costumem, às vezes, empregar vocábulos gírios em suas interações, identificando-se momentaneamente com o espírito jovem. Tal prática conduz a um espírito de irreverência, de intimidade, de aproximação maior entre os interlocutores, o que vem a facilitar certas situações de comunicação. Trata-se de uma forma de aliviar a tensão conversacional e atender a nossos interesses interacionais. Os próprios homens públicos, às vezes, adotam tal postura, até em situações de entrevista, quando se exigiria uma linguagem mais tensa:

“Precisa manter a Vale do Rio Doce por quê? Para dar dinheiro para alguns municípios? Para a CNBB e o D. Luciano receberem a sua **graninha**? (Folha de S.Paulo, 3/4/97)

Neste trecho da entrevista do ex-Ministro da Comunicações, Sérgio Motta, é evidente o valor agressivo e irônico do vocábulo *graninha* que, no texto, tem um efeito expressivo bem maior do que teria *dinheiro* ou *comissão*, por exemplo.

A presença da gíria em textos de imprensa atende a interesses de comunicação imediata dos jornais com o seu público leitor. Assim, ao lado da necessidade de seguir as regras previstas para a escrita, mais ligadas à linguagem culta, existe também a necessidade de utilizar expressões populares e de gíria, para criar a mesma aproximação que esses vocábulos criam na linguagem oral, quando usados convenientemente. E esse recurso não é exclusivo do jornalismo considerado "popular", como *Notícias Populares*, *Diário Popular*, *Folha da Tarde*, em São Paulo, ou *O Dia*, *A Notícia*, no Rio de Janeiro. Também os jornais mais conceituados, de maior prestígio e tiragem na imprensa brasileira, o empregam com freqüência:

"Pitta ajudou '**laranjas**' a obter lucros" (*O Estado de S.Paulo*, 2/4/97 - manchete de 1ª página)

"Cláudia depõe e afirma que não conhecia Suzana
- irmã da vítima desmente a última **paquera** de
Paulo César" (*A Tribuna*, Santos, 13/7/96)

Mas a gíria é, realmente, a marca inconfundível do jornalismo popular, apesar de, no Brasil, esses diários possuírem tiragens bem inferiores aos grandes jornais e serem estigmatizados pela violência da linguagem e das imagens. É preciso lembrar, porém, que, esses jornais vêm aumentando sua circulação. O que não é estranho, se lembrarmos que, em Londres, em plena civilização do primeiro mundo, os seis tablóides populares somam uma tiragem astronômica de onze milhões de exemplares

por dia, enquanto os cinco jornais considerados “sérios” não chegam a três milhões. Os jornais populares, talvez por revelarem uma verdade menos controlada, mais hiperbólica (como ocorreu no caso da morte da princesa Diane) chegam a constituir, hoje, uma verdadeira mania dos londrinos.

O jornalismo popular brasileiro usa abundantemente o recurso da gíria, conforme comprova um brilhante estudo sobre a sua linguagem, publicado recentemente, de autoria de Ana Rosa Ferreira Dias: *O discurso da violência* (São Paulo, Cortez, 1997). A força das manchetes, por exemplo, ponto de atração para a o leitor desses diários, reside no emprego da força dos vocábulos gírios:

“Ônibus a 150 paus é um **baita** assalto!” (*Notícias Populares*, 30/7/91)

“**Arrepiaram** baiano batuqueiro” (idem, 9/7/91)

“Previdência **embaça grana** dos velhinhos” (idem, 13/7/91)

“Viola vira **porco**” (*Folha da Tarde*, 30/8/96)

Conforme bem analisou a autora citada, o uso da gíria “não quer dizer, de forma alguma, que deixe de haver – como se poderia pensar a princípio – uma falta de elaboração na redação da notícia. Assim, na seção “Desaparecidos”, o redator usa, sucessivamente, num mesmo número, para o verbo *desaparecer* os sinônimos: *pinicou-se*, *pirulitou-se*, *queimou o chão*, *deu o pira*, *escafedeu-se*, *deu o pinote*, *caiu fora*. Esse recurso da sinonímia pertence claramente à elaboração da língua escrita, ainda que os sinônimos sejam populares. Numa outra notícia, a propósito de irregularidades numa casa de órfãos, o redator usa no mesmo texto *maracutaia*, *falcatrua*, *fajutice*, *mutreta*.” (op. cit. p. 85)

A presença da gíria na imprensa apenas confirma, em nossos dias, um emprego mais amplo e generalizado desse vocabu-

lário na linguagem dos falantes de todos os níveis sociais e graus de escolaridade, a ponto de ser aceita na escrita. Esse uso demonstra que a gíria, cada vez mais, se incorpora ao *esquema de conhecimento* do falante contemporâneo, expressão usada por Deborah Tannen, lingüista americana, para nomear, em nível cognitivo, o preenchimento de informações não proferidas, decorrentes de experiências anteriores do mundo, com a conseqüente formação de novas atitudes lingüísticas, isto é, de novos julgamentos perante a língua e seu prestígio social. Os esquemas de conhecimento ampliam nossas *estruturas de expectativa*, expressão usada por Goffman para indicar nossas reações de aceitação ou repúdio perante formas lingüísticas de uso esperado ou não, na interação.

A disseminação do vocábulo gírio, saindo dos limites do pequeno grupo e dispersando-se na linguagem comum da sociedade (*gíria comum*) leva o falante a empregá-lo, sem sequer ter a consciência de que se trata de gíria. Os exemplos são diários, não só na língua falada, mas também na escrita da imprensa:

"A ministra Dorothea Werneck (Indústria, Comércio e Turismo) deu ontem uma **bronca** nos empresários..." (*Folha de S.Paulo*, 9/2/96)

"A **grana** da campanha" (Capa da revista *Veja* - São Paulo, 9-15/9/96)

"San Francisco tem museus **bárbaros**..." (*O Estado de S.Paulo* Caderno Viagens 27/8/96)

A maioria dos leitores de notícias e manchetes como essas não se dá mais conta de que estão sendo empregadas na matéria expressões gírias. E, com certeza, nem mesmo o redator que produziu a matéria se conscientizou disso, porque tais vocábulos e expressões já pertencem ao vocabulário comum, foram absorvidos pela mídia e não constituem mais signo de grupo. Assim, um

vocábulo como *bárbaro* significa “belos, originais, maravilhosos” etc., exatamente o oposto de seu sentido na linguagem culta, processo semântico próprio do metaforismo popular, conhecido como *counter words*, ou seja, o uso de palavras com impropriedade de sentido, geralmente expressando gosto/desgosto, aceitação/rejeição.

A perda da condição de signo de grupo faz com que os falantes dos grupos restritos procurem outros vocábulos que voltem a constituir desafios para a compreensão do falante comum ou, pelo menos, até o momento em que, cumprido o ciclo gírio, voltem a se disseminar na gíria comum. Neste pequeno diálogo, flagrado por um repórter, entre motoboys, que esperavam a abertura do semáforo, pode-se constatar a gíria criptológica, cifrada, código dominado apenas pelo pequeno grupo:

“Além de certa ficção científica, os motoboys desenvolveram também toda uma linguagem própria. Em meio à tensão do trânsito e à própria vida perigosa, o solidário papo dos faróis é rápido, nervoso, cifrado. Para começar os percalços do dia:

- Cara, um **zezão** agora lá na Brigadeiro.
- Qual é?
- Levou a maior **latada**.
- Vinha **arrepiando**?
- A milhão
- E eu também ontem na Rebouças.
- **Latada**?
- **Borrachada**.

Abre o farol.” (*Ícaro Brasil*, 157, 1997)

A análise dos materiais do Projeto NURC/SP já nos revelou que os falantes cultos de São Paulo, há vinte anos, já mistura-

vam em seus diálogos e depoimentos vocabulário culto com formas populares e gíria, sem se darem conta disso, apesar de se tratar de textos gravados, portanto, mais tensos

- "F1 escandalosa no *trajar* e no *portar-se*
F2 namorar
F1 no namorar no *portar-se* por sair com um rapaz de braços dados... enfim atitudes menos... *recatadas* menos... coisas que eram consideradas escandalosas... eh uma moça que vivia na janela o dia inteirinho... e que **dava bola** para todo mundo então eram escandalosas"

(NURC/SP, D2, 396)

No Brasil, a década de noventa tem apresentado uma linha ascendente nesse processo de nivelção, de maior aceitação da linguagem popular, e a própria Escola começa a tomar uma postura mais cuidadosa em relação a esses fatos lingüísticos, propondo o ensino da variação lingüística como a melhor forma de os alunos aprenderem a língua. O MEC, em recomendação recente aos professores do ensino secundário, sugere que o ensino se baseie na variedade de linguagem que inclui, além dos textos literários, os jornalísticos e os orais.

O que é importante salientar é que o prestígio das variantes lingüísticas está-se modificando, talvez mais rapidamente do que supomos. A gíria, por exemplo, deixou de constituir apenas o vocabulário das classes de baixa escolaridade, como se acreditava até bem pouco tempo, para se constituir em mais um elemento expressivo da língua, ao lado de tantos outros.

Os lingüistas estão empenhados em demonstrar que linguagem popular não é mais uma classificação cultural pejorati-

va, o que, aliás, a própria literatura, com os autores modernos e contemporâneos, já demonstrou.

Bibliografia

- CABELO, A. R. *Gíria, vulgarização de um signo de grupo*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, tese de doutorado.
- CASTRO, A. F. (1947) *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra: Suplemento *Biblos*.
- DIAS, Ana Rosa F. (1996) *O discurso da violência*. São Paulo: EDUC/Cortez.
- DAUZAT, A. (1919) *L'Argot de la Guerre*. Paris: Colin.
- _____. (1956) *Les Argots*. Paris: Delagrave.
- EBLE, Connie (1996) *Slang & Sociability*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.
- FERRERO, Ernesto (1972) *I Gerchi della Malavita*. Verona: Mondadori.
- FRANÇOIS, Denise (1968) *Les Argots*. In: MARTINET, A. (org.) *Le Langage*. Paris: Gallimard, p. 620-646.
- GOFFMAN, Erving (1989) *A representação do eu na vida cotidiana*. 4ª ed. Trad. de Maria Célia S. Raposo. Petrópolis: Vozes.
- GUIRAUD, P. (1956) *L'Argot*. Paris: PUF.
- NASCENTES, A. (1922) O linguajar carioca. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro.
- _____. (1953) *A gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- PRETI, Dino (1984) *A gíria e outros temas*. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP.
- _____. (1984) *A linguagem proibida*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- _____. (1996) A gíria na cidade grande. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 54, jan-dez.
- _____. (1997) Gíria e agressividade social. In: KOCH, I. V. e BARROS, K. S. M. (org.) *Tópicos em Lingüística do Texto e Análise da Conversação*. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, p. 125-132.

DINO, Preti. *Transformações do fenômeno sociolingüístico da gíria*.

RECTOR, M. (1994) *A fala dos jovens*. Petrópolis: Vozes.

SERRA e GURGEL, J. B. (1998) *Dicionário de gíria*. 5. ed. Brasília (ed. do A.).

TERUGGI, M. (1974) *Panorama del Lunfardo*. Buenos Aires: Ediciones Cabargon.